

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM FEMININA PROJETADA NA IMAGEM DA BRUXA DIABÓLICA¹

Poliana de Sousa Melo²

Martha Lúcia Ribeiro Araújo (orientadora)³

“Eva/ Maria e Pandora, a dicotomia que expressa a imagem da mulher

No que abrange o universo feminino, o imaginário medieval foi dotado de dualismos e incertezas no que se refere a sua natureza - corpo, e psicologia feminina. Oscilando entre imagem sacra, imaculada, virgem, representada por Maria, mãe de Jesus, e divergindo desta, a imagem da sedutora, luxuriosa, pecadora, simbolizada por Eva a “primeira pecadora”, assim é que serão construídos os pilares de um pensamento misógino corroborado e difundido pelas estruturas eclesiásticas dominantes na Europa Ocidental.

Recuperando todas as opiniões fornecidas no passado clássico e na civilização judaico-cristã, sobre a inferioridade feminina e buscando na descrição do corpo feminino as prerrogativas para definir o lugar naturalmente inferior das mulheres na sociedade, os teólogos e eclesiásticos vão buscar os elos que ligam a sexualidade à fraqueza feminina, esta dirigida por poderes demoníacos, segundo o imaginário cristão europeu.

Na mitologia grega a primeira mulher, Pandora foi a responsável pela introdução de todos os males no mundo. A mulher encarnava-se um “terrível flagelo instalado entre os mortais”.

Coube a Eva, a primeira mulher criada por Deus, a entrada do pecado ao mundo. Segundo o livro do Gênesis, a mulher, seduzida pela serpente, encarnação do Mal, provocou a queda de Adão, episódio este que propagou a influência da mulher na decadência do mundo.

Através das figuras femininas da mitologia clássica e cristã é que será norteados o discurso masculino da natureza pecaminosa e falsa da mulher. Dessa forma acreditavam que as mulheres sempre frágeis e volúveis seriam incapazes de resistir às tentações do demônio, cedendo todas as vontades e ilusões satânicas, como um ser predestinado ao mal.

A sexualidade será a porta de entrada para o pecado. A virgindade será exaltada, através de Maria, como condição determinante servindo como exemplo às demais mulheres que desejarem o caminho ao céu,

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

³ Mestre em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba, professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

A mulher como reflexo do demônio.

Como figura excêntrica ao universo cristão, o Diabo, que em meados do século XII ganha projeção, poder, corpo e estatuto, num campo de estudo denominado demonologia, mais que um simples adversário de Deus, ele será uma figura inseparável ao cristianismo, tendo os teólogos e eclesiásticos à frente nessa luta do bem contra o mal.

No século XV, as “ilusões diabólicas” que enganavam as mulheres, tornam-se realidades diabólicas estas praticáveis por mulheres cruéis, destinadas à prática do mal. O *Malleus Maleficarum* ⁴, escrito em 1484 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, condensará robusta fundamentação teórica, para consolidar a crença da grande conspiração arquitetada por satã, esta sendo concretizada pelas mulheres. A partir da crença acima citada, que na natureza feminina escondia-se a impureza, a vaidade, a luxúria, a fonte de todo pecado, conseqüentemente o mal, foi sendo criado uma tipologia sobre o feminino como sendo fonte da perfídia e da perdição:

“Toda malícia não é nada perto de uma malícia de mulher [...]. A mulher, o que é ela senão a inimiga da amizade, a pena inelutável, o mal necessário, a tentação natural, a calamidade desejável, o perigo doméstico, o flagelo deleitável, o mal por natureza pintado de cores claras? [...] Uma mulher que chora é um mentira [...]” ⁵

“E tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois Femina vem de Fé e Minus, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e em preservar a sua fé. E isso decorre de sua própria natureza.” ⁶

Partindo do pressuposto que as mulheres eram por natureza frágil, os inquisidores Kramer e Sprenger buscaram com riqueza de detalhes todas as opiniões fornecidas no passado acerca da inferioridade feminina, partindo de Aristóteles perpassando a São Paulo e São Tomás de Aquino.

Jean Delumeau ⁷, na *História do medo no Ocidente*, em que procurando captar um complexo de medos que faziam parte da constituição da mentalidade coletiva do homem ocidental, dos séculos XIV ao XVII, nos especifica do medo à mulher que se projetou através da literatura e do sermão como meios eficazes para cristalizar nas mentalidades o medo da mulher.

O autor descreve como o antifeminismo caminhando através dos múltiplos canais do discurso oral e descrito da época, não podia deixar de desembocar na justificação da caça às feiticeiras, em que os tribunais inquisitoriais visavam extinguir da comunidade o mal que os rodeava. Delumeau nos relata que a perseguição foi mais intensa em relação às

⁴ KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**.

⁵ KRAMER, SPRENGER op. Cit. P 115

⁶ Ibidem p117

⁷ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**:1300-1800 uma cidade citiada, 1989

mulheres que desempenhavam um papel importante nas comunidades como as parteiras, as que possuíam algum tipo de conhecimento sobre o uso medicinal de ervas e as que mostravam um comportamento julgado estranho, entre elas destacando-se as solteiras e viúvas, que iriam atuar como bode expiatório para a expressão do poder inquisitorial na sociedade medieval.

De um ponto de vista semelhante, Carlos Roberto F. Nogueira ⁸ discorrerá como, em meio à tensão e o pânico que acompanhavam as epidemias, as fomes, as pestes, as mulheres que se encontravam socialmente isoladas poderiam ameaçar as pessoas através de encantamentos e neste universo as parteiras, também, vão ser alvos de acusações de mortes de filhos, ou de feitiçarias.

Nesta perspectiva, o autor faz uma análise de como havia um imaginário fértil a propagação a crenças e motivações, que em meio a crises econômicas, políticas e sociais, se projetou e se criou a imagem da bruxa diabólica, pela igreja católica, capaz de causar morte, catástrofe, estragar colheita, matar animais, “preenchendo as necessidades do imaginário, em cada nível social, completando-as e dinamizando-as” ⁹.

Mais que efervescência e turbulências pelo quais as contradições da época medieval podiam oferecer, sob a projeção de um imaginário popular, havia uma nítida crença a magia e a feitiçaria, acreditando-se que as mulheres estavam muito mais ligadas às tradições de uma cultura pré-cristã, voltado às forças da natureza, que remonta a tempos imemoriais na sociedade européia ocidental. Longe de defender a idéia de que havia a sobrevivência de um culto primitivo, de uma organização ou costume que tinha por finalidade celebrar aos deuses pagãos, numa celebração estrutural, acreditamos na possibilidade de que havia os resquícios de uma cultura pagã, fragmentos esparsos, mas que tinha no reduto privado, sob as práticas de magia e feitiçaria, o reflexo da presença de sobrevivências pagãs, numa Era Cristã.

No final do Império Romano após o nascimento e expansão do cristianismo a Igreja teve de enfrentar os resquícios de cultura pagã. A *magia* ¹⁰, como uma forma de ligar o mundo real ao sobrenatural, tinha ampla credulidade e se firmava em práticas cotidianas na sociedade européia medieval. As feiticeiras atuam, junto com imaginário popular, como terapeuta de males físicos e sociais, curando e coibindo as doenças pessoais, através do uso de ervas e ungüentos.

Mas tarde em fins do século XII, essas práticas, que conviviam com uma política de tolerância pela Igreja, ganharam caráter demoníaco, pelos teólogos e eclesiásticos, numa

⁸ NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão**. São Paulo: EDUSC, 2004.

⁹ NOGUEIRA, Op.cit 2004, p. 163

¹⁰ NOGUEIRA (2004 p:26-27) Diz que: “A palavra magia, de origem iraniana – aplicada aos sacerdotes masdeítas e incorporada pelos gregos –, se encontra utilizada tanto em grego como em latim, para exprimir uma “forma especial de relação com o sobrenatural”

relação que se configurava: diabo/feiticeira, cujo pacto com demônio se firmaria por uma série de danos sociais, projetados na comunidade medieval.

A opinião mais certa e mais católica é a de que existem feiticeiros e bruxas que, com a ajuda do diabo, graças a um pacto com ele firmado, se tornam capazes, se Deus permitir, de causar males e flagelos autênticos e concretos, o que não torna improvável serem também capazes de produzir ilusões, visionárias e fantásticas, por algum meio extraordinário e peculiar.¹¹

Assim as práticas mágicas atuavam como estorvo à realização do reinado de Deus na terra. Em nome da fé católica serão suplantadas todas as formas de magia ou obtenção de cura se não por “vias legais”. Dessa forma, o dualismo Deus e Diabo se introjetam no universo medieval europeu, formando cenário propício à instalação do medo.

Assim, corroborando a existência de uma mentalidade mágica, que estava inserida no universo mental da época, a sociedade acreditava no Demônio e em seus agentes, que juntos tramavam para a cristalização do mal. Segundo Nogueira:

... A partir dessa premissa que acreditamos deva ser interpretado o universo mágico, independente se suas conotações sobrenaturais que, aparentemente absurdas, ao invés de negá-lo, vêm reforçar a sua presença e o seu poder junto ao mental da época¹²

Em todo conjunto de tensões sociais junto com uma visão de mundo mágico, na qual cria um clima de medos e aflições, surge uma atmosfera propícia à criação da bruxaria da proliferação de bruxas, que se constituirá como alvos para a explicação de colheitas ruins, eventualidades climáticas e a difusão das epidemias.

A confirmação do mal.

A bruxaria é um fenômeno que surge em meados do século XV, como um modo de representação do mundo e das forças invisíveis que o animam¹³, ganhando uma rica estruturação orgânica através do procedimento inquisitorial.

Junto a esse imaginário a Igreja soube articular e projetar a imagem da bruxa num processo de criação da personagem na coletividade cristã. O fato das bruxas compactuarem com o demônio, voarem, transformarem-se em aves, gatos, devorarem crianças, como parte integrante do mito demonológico cristão, foi de uma peculiaridade *sui generis* na história da Europa Ocidental.

A partir do século XII com a afirmação da heresia com os valdenses e os albigenses, os inquisidores dão notoriedade e corporação àquilo que se denominou de *sabbath*. Os sabás, segundo os teólogos e inquisidores, eram reuniões que ocorriam na floresta, em que

¹¹ KRAMER, SPRENGER, Op.cit: 57

¹² NOGUEIRA. Op.cit 92.

¹³ SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas**: noivas de satã. Rio de Janeiro: objetiva, 2002

se faziam um culto ao demônio com orgias, canibalismo, sacrifícios de crianças, músicas, comilanças, promiscuidade sexual, Uma espécie de missas às avessas, em que profanava os sacramentos bíblicos e adorava o Satã:

Esses ‘valdenses’ de Arras formaram uma verdadeira seita do Diabo. Para freqüentar a ‘valderie’ ou o sabá, untavam o corpo com unguento especial com a ajuda de uma pequena vara que, em seguida, colocavam entre as pernas. [...] O sabá era seguido de um grande banquete que terminava com orgia desenfreada [...] Era dessa forma que os bruxos tornavam os campos estéreis, faziam homens e animais morrerem, provocavam as tempestades e disseminavam as epidemias¹⁴

Projeta-se então, a partir de um corpo doutrinário demonológico, as relações entre ditas “seitas diabólicas” como essencialmente constituídas por mulheres e sua “relação intrínseca” com o demônio, amplamente difundida pelos sermões.

A partir de dados reunidos, testemunhos, leis que assegurassem e legitimassem a caça às feiticeiras, tendo a heresia como crime civil e religioso, o pavor se instala nas comunidades medievais. A imagem da bruxa estava absorvida e mesclada ao imaginário popular, ocasionando a repulsão inquietante da população às bruxas e todas as suas formas de representações.

Vê-se que, junto ao caráter ideológico do discurso cristão em coibir às práticas de feitiçaria e de magia, observa-se uma propensão a normatização do comportamento na área pública e privada, para a sexualidade feminina.

Juntamente com os inúmeros casos de perseguição às bruxas, muitas das “confirmações” acerca de mortes dirigiam-se ao universo ‘profissional’ das mulheres, como às parteiras, curandeiras e aquelas mulheres que desempenhavam algum trabalho à comunidade.

Na lista de atos abomináveis pela igreja havia os ofícios tipicamente femininos. O conhecimento da botânica, que perpassava às sociedades, vindo de mulheres através de uma tradição oral, foi relacionado a um poder maléfico, norteador pelo demônio.

Assim, associados aos poderes demoníacos, as curandeiras, vitais para uma sociedade em que a medicina ainda era uma ciência incipiente, tornavam-se hereges e apóstatas devendo ser penalizadas por crimes de heresia:

Da mesma forma ocorreu ao ofício das parteiras, um conhecimento próprio que lhes era transmitido de geração a geração, foi vulgarizado se intensificando, também, como poder dotado do demônio, devido a sua intrínseca relação ao conhecimento biológico da sexualidade e reprodução. Dessa forma, as parteiras circunscrevem-se ao campo da clandestinidade, em cima do discurso eclesiástico de que eram bruxas perversas.

Trechos retirados do *Malleus Maleficarum* nos ajudam a compreender o discurso religioso do século XV:

¹⁴ Ibidem p 18

Cumpra aditar que as bruxas parteiras são as que maiores males nos trazem, pelo que nos contam outras bruxas penitentes: “Não há quem mais malefícios causem à fé católica do que as parteiras.” Pois quando não matam as crianças, para atenderem a outros propósitos tiram-nas do recinto em que se encontram, elevem-nas nos braços e oferecem-nas aos demônios...”

Não podemos deixar de mencionar os males infligidos à criança recém nascidas pelas bruxas parteiras que primeiro matam e depois as oferecem, em blasfemo rito, aos demônios.¹⁵

Deste modo, verifica-se como o discurso vigente na época projetou representar, sistematizar e moldar a sociedade (principalmente no que tange ao universo feminino) sob um único olhar, para obter maior centralização e poder, isso, sob o domínio da estrutura monolítica cristã.

Delumeau trata de estabelecer as relações entre o antifeminismo divulgado na época e o número de mulheres vítimas de perseguição e repressão da inquisição. Levando-nos a crer como a imagem feminina estava, deteriorada e estigmatizada, pelo mal.

Numa mentalidade como a da Idade Média, em que ouvir era mais válido que o ver, um período basicamente dominado por viva imaginação, idealismos e sonhos, não era de se esperar que a idéia da bruxa diabólica fosse facilmente absorvida pela sociedade levando a creditar na sua malignidade imparcial.

A mulher, considerada desde a Antiguidade, como conhecedora de segredo mágico, transforma-se em um instrumento demoníaco, pois, os dogmas cristãos não aceitavam outra magia que não a maléfica. A feitiçaria representava um arsenal de substâncias proibidas capazes de qualquer transformação físico-social, portanto, haveria de repreender qualquer tipo de práticas mágicas.

A mulher, sendo a feiticeira ou a bruxa são a ponte de um mundo real e imaginário do qual um não prescinde o outro, sendo, portanto, complementares para uma realidade social que ao mesmo tempo em que as rejeita e teme, não poderia viver sem seus artifícios.

Referência bibliográfica

BAIGENT, Michel; Richard, Leigh. **A inquisição**. Tradução: Marcos Santarrita; Rio de Janeiro: Imago, 2001

BÍBLIA SAGRADA, 42ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1982

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800 uma cidade citiada**. Tradução: Maria Lúcia Machado, - São Paulo: Cia das letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti; São Paulo: Cia das letras, 1989.

KEITH, Thomas. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Cia das letras, 1991

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Tradução: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2004.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002

MURRAY, Margaret. **O culto das bruxas na Europa ocidental**. tradução: Getúlio Elias Schanoski Júnior. São Paulo: Madras, 2003

¹⁵ KRAMER, SPRENGER Op.cit: p283

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história**: as práticas mágicas no ocidente cristão. São Paulo:EDUSC, 2004.

ORLANDI, Eni Puccineli, **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2003

SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas**: noivas de satã. Rio de Janeiro: objetiva, 2002.

SOUZA, Laura de Mello. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ática 1987